



**Daniele Costa Gonçalves**

FAAL – Faculdade de Administração e Artes de Limeira/SP  
dani.costa.gonca@hotmail.com

**Rosana Baptistella.**

FAAL – Faculdade de Administração e Artes de Limeira/SP  
rosanabaptistella@hotmail.com

## 1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar o movimento *Hip Hop* da cidade de Leme, no interior de São Paulo, onde nasci e desde minha infância tive contato com os eventos e a ideologia dessa cultura através de meus tios, que participaram de grupos de *rap* e *break dance* locais. Em sua essência, a pesquisa visa o levantamento de dados sobre o movimento na cidade nos anos de 1990, em que Leme foi um locus catalisador da cultura periférica, contando também com a realização de eventos de *Hip Hop*, trazendo de volta para os jovens um contato direto com essa cultura, lembrando da sua importância para a população periférica como forma de reivindicação de direitos básicos de cidadão, afirmação de sua autoestima e cultura, já que grande parte desse povo é negra e sofre, além do racismo, a discriminação de classe social, o que faz com que suas manifestações culturais sejam menosprezadas pela elite e indústria cultural. O *Hip Hop* é um movimento sociocultural que busca inserir a periferia no ambiente público como cidadãos através da arte (seja a dança [*break*], música [*MC*, *DJ* e *rap*] e pintura [grafite]), conscientizando os jovens e denunciando os abusos do Estado em relação ao genocídio da população pobre e preta, sucateamento e abandono da educação, saúde e saneamento básico (dentre tantas outras problemáticas).

Leme é uma cidade da região de Campinas/SP com 403.077 km<sup>2</sup> de área e 99.388 habitantes (censo IBGE/2015), cresceu como várias cidades do interior paulista, embasada na agricultura, especialmente na cotonicultura e cultivo de cana-de-açúcar. Dos anos 1980 para 1990 houve uma crescente de aproximadamente 20.000 habitantes devido à migração em massa em busca de oportunidades no setor industrial e agrário, sendo a grande maioria destes moradores da área urbana, o que nos faz assimilar o



motivo do crescimento da população periférica da cidade<sup>1</sup>. O *Hip Hop* encontrou aqui um solo fértil, com diversos jovens que estavam em busca de uma identidade que não fosse o rótulo preconceituoso de quem mora na favela.

Construindo uma abordagem histórica desse movimento social no âmbito nacional, trazemos à tona as manifestações culturais negras desde os anos 1870, às vésperas da abolição da escravidão, quando os negros escravizados já estavam adquirindo suas cartas de alforria e criando associações de assistência social para outros escravizados ou recém-libertos, como uma maneira de reavivar e manter sua história e riqueza cultural.

Apesar de sempre terem sido reprimidos e silenciados, os negros não se calaram. Resistiram, persistiram, e seguiram caminhando juntos, para que sua cultura não morresse. A partir dos anos 1920, no Brasil, eles começaram a criar suas próprias casas de baile, organizando festas e espaços de lazer – importante destacar que não era permitida a entrada destes em bailes de brancos. Isso, 50 anos depois, nos anos 1970, se tornaria a cultura dos bailes, consagrada pelas equipes Chic Show, Zimbabwe, Black Mad, e outras mais.

Concomitantemente, o Hip Hop nasce nos anos 80 na periferia estadunidense, em meio a descaso social e genocídio da população negra. Não tardou para que o rap, o break, a discotecagem e o grafite chegassem a terras brasileiras, qual encontrou identificação instantânea com os jovens das favelas, e acabou criando uma nova identidade com características locais. Com isso foram se criando diversos eventos para que os dançarinos de break – *b-boys* –, os *DJ's* e os cantores – *rappers* – se encontrassem e divulgassem sua arte. O movimento foi se espalhando pelo país todo, criando diversas expoentes de si mesmo, seja com discursos politizados ou não, mas mobilizando um grande número de jovens para a popularização dessa cultura.

Os métodos de desenvolvimento deste trabalho foram pesquisas em livros de temática sociológica (sobre a desigualdade no Brasil e a juventude periférica) e histórica (sobre a cultura negra e o *Hip Hop*), sites, artigos, dissertações de mestrado e trabalhos de conclusão de curso do mesmo assunto, materiais fonográficos (CD's e discos), filmes/documentários e entrevistas com figuras importantes do *Hip Hop* paulistano, que estão nos Anexos.

---

<sup>1</sup> SEADE, 2013 apud MARDEGAN, 2013, p. 23.



A realização do evento Batalha Verbal, um dos objetivos da pesquisa, se dividiu em três partes: a idealização, que contou com reuniões em grupo entre os organizadores (eu, Rafael Araújo Andrade [Caramujo] e Danilo Henrique [DH]), os pré-eventos (eventos de menor proporção para divulgação da Batalha, nos dias 24 de janeiro e 28 de fevereiro de 2016) e o evento principal, no dia 13 de março de 2016, todos eles envolvendo Hip Hop e apresentações de artistas independentes, e a participação dos grandes nomes do movimento lemense na organização e som desses episódios. O público alvo eram os jovens, queríamos que a cultura da periferia chegasse novamente até eles, que eles pudessem ter um pouco da vivência do que foram os anos 1990 e a força que o *Hip Hop* tem na mudança da realidade marginalizada em que eles vivem.

## 2- OBJETIVOS

Levantar dados sobre o movimento Hip Hop paulistano, sua reverberação no interior do estado de São Paulo e a contribuição do mesmo para a sociedade tanto regional quanto nacional, e levantar dados sobre as formas de sociabilização e lazer que os negros criaram e vivenciaram a partir do século XIX até os dias atuais, além de fomentar as manifestações artísticas da periferia tanto na área da poesia, das artes visuais, da dança e da música, por meio da organização de eventos culturais.

## 3- METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa baseia-se em consultas bibliográficas em artigos, sites, periódicos e monografias/teses sobre o negro na sociedade e a cultura negra, a história e a influência do Hip Hop no Brasil e no estado de São Paulo. Também fizemos análise de dados e levantamento de informações através de entrevistas feitas ao vivo e vídeos disponíveis na internet.

## 4- RESULTADOS

Organização de eventos culturais na cidade de Leme/SP, reunindo nomes importantes do Hip Hop tanto dos anos 1990 quanto da atualidade. Nesses eventos,



reuniu-se um público estimado de 200 pessoas. As atrações se mesclaram entre grupos de rap e MC's solo, exposição de artes visuais, duelos de rima (prática frequente nos eventos de Hip Hop), ações sociais como doação de alimentos, agasalhos e trocas de livros e microfone livre, para que os expectadores lessem suas poesias. Também obtivemos o levantamento de dados históricos do movimento na cidade de Leme/SP, assim como um apegado social, cultural e histórico das expressões negras da cidade de São Paulo desde a abolição da escravatura até o nascer do Hip Hop naquele âmbito.

## 5- CONCLUSÃO

O *Hip Hop*, mais do que uma distensão da arte, é um movimento que fortaleceu a autoestima da população periférica, além do sentimento de pertencimento e reconhecimento de sua identidade em seu espaço.

A questão da cidadania concedida (SALES, 1994) nos faz salientar o problema estrutural na sociedade brasileira que desde seu período imperial se mantém fixa no ideal de alienar quem não faz parte da elite do país.

Santos (2001) nos apresenta em sua tese de mestrado como os direitos da comunidade negra sempre foram tratados como particularidades sem muita importância: “o mito da democracia racial são conceitos destinados a socializar a totalidade da população (brancos e negros igualmente) a evitar áreas potenciais de conflito social” (SANTOS, 20001, p. 27). Um exemplo disso foi que, durante o século XX, em diversos momentos as associações de luta para a igualdade racial tiveram suas organizações reduzidas à clandestinidade e suas conquistas reduzidas à pó –como no golpe de estado de Getúlio Vargas e na ditadura militar.

O *Hip Hop*, em suas vertentes, surge como um protesto em resistência ao sistema, invadindo os bairros da favela e também os condomínios, já que quando ele surgiu na mídia ecoou para todos os cantos das cidades. Seja na zona leste de São Paulo ou na zona sul, o rap toca nas rádios, nos fones de ouvido, o grafite invadindo os muros e o break tomando conta do corpo dos jovens – e não só ela, já que Nelson Triunfo, no auge dos seus 62 anos, ainda faz apresentações de dança pelo país a fora.

A questão do espaço público, também retratada em meu trabalho, mostra a força do pertencimento: “cultura de rua” é um dos apelidos do movimento, mostrando como



essa identidade independe de salões de arte ou ambientes elitistas. Um artista de rua não precisa de uma “carteira” de aprovação para cantar *rap*, ou dançar *break*, ou mesmo desenhar nos muros. O evento que fizemos foi no espaço público, aberto, sem taxa para participar: o sentimento de pertencer, de liberdade, de quebra de estereótipos começa aí. Uma das coisas que mais aflige um jovem de periferia é entrar em um espaço para lazer e ser discriminado, pois ele já sofre diariamente da repulsa da sociedade por ele ser quem ele é nos ambientes fora da “quebrada”.

É importante para esses jovens se sentir representado tanto pelo local quanto pelo som. Em uma cena do documentário “História dos Bailes Black” de Mano Brown, uma mulher negra em 1970 está dando entrevista para um jornal sobre a cultura desses bailes e diz que é ali onde eles se esquecem de que o preconceito existe e sentem orgulho de sua cor, de seu estilo, de seu povo. Esse é o ponto, essa é frase que resume o motivo da rua ser tão importante para o *Hip Hop*: ele nasceu dali, é ali sua essência. Nosso evento não poderia ser em outro lugar senão num espaço público.

Outro ponto a se destacar é a questão pública: focando na cidade de São Paulo, como apresentado no segundo capítulo, o espaço público no final do século XIX, com a “reconstrução” do centro da cidade seguindo padrões europeus, fez com que os indesejados (leia-se escravizados recém-libertos e pobres) fossem relocados a força para as margens da cidade, longe dos olhos da “civildade”. Sendo assim, ocupar espaços que são o direito de cada cidadão por lei (apesar da prática não ser exatamente dessa maneira) é uma forma de resistência e de luta pela sua cidadania. É parte da conscientização que o movimento estimula fazer com que as pessoas compreendam isso e sintam que seu dever é fazer com que isso aconteça.

Em Leme, infelizmente, houve um entrave para que o desenvolvimento das iniciativas de catalisação do *Hip Hop* permanecesse na periferia. Devido à mudança de prefeitos e a total falta de interesse com a área social dos eleitos, que inclusive está às minguas há anos, fez com que o grande número de eventos que havia de graça para a população, assim como os cursos que a Casa do *Hip Hop* Porenã desenvolvia, fossem cortados. Como disse DJ Zézão na entrevista que ele me concedeu, a maioria das pessoas que estão no movimento não tem verba para promover tais ações que ocorriam com o auxílio da prefeitura municipal, com isso não há tantos meios de dispersão dos conhecimentos da área.



Não me cabe dizer, assim como a ninguém mais, que o *Hip Hop* perdeu sua força em Leme. Ele pode ter perdido os meios que tornava a cidade um locus importante do movimento, mas a força que ele carrega consigo nunca irá morrer. As pessoas que ele salvou estão aqui, dando seus testemunhos de resistência, e passando para frente o que viveram. Enquanto houver nós, que levantamos essa bandeira, ele não perderá força – apesar de ser um desejo intrínseco do sistema que as nossas vozes se calem.

O *Hip Hop* está vivo nas “quebradas”, por onde você anda pode reconhecer os beats de Racionais MC’s ou Sabotage. O estilo está vivo, a postura também. Apesar de termos mais jovens envolvidos no tráfico do que no movimento, permanecemos organizando tais eventos reunindo a velha guarda lemense com os novos nomes que estão a surgir.

## 6- REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, nº 5, p. 25-36. 1997.
- D’ALLEVEDO, Pedro Tadeu Faria. **Bailes blacks: música e sociabilidade nas noites paulistanas**. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.
- HISTÓRIA dos bailes black de São Paulo**. Direção: Ice Blue, Mano Brown e Roberto T. Oliveira. Fotografia: Mano Brown. 1h10min, colorido. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=slwalSi03g8>>. Acesso em: 12 ago. 2016.
- MARDEGAN, Gláucia Elisa. **A origem do município de Leme-SP, e uma breve análise da sua dinâmica populacional nos anos de 1980, 1990, 2000 e 2010**. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia – UNICAMP, Campinas/SP, 2013.
- PIMENTEL, Spency. **O livro vermelho do Hip Hop**. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo – USP, São Paulo – SP, 1997.
- SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. **O movimento negro e o Estado (1983-1987): O caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo**. Tese de Mestrado em Ciências Políticas, apresentada ao Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- SALES, Teresa. **Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 25, p. 26-37. 1994.